

Rubem
Braga

Gangorra da Broadway balança no Rio

PARA o programa de "Dois na Gangorra", próxima estréia do Teatro Mesbla).

"Two for the Seesaw" foi para mim, antes de tudo, um pesadelo. Eu estava em Nova Iorque e conseguira, com dificuldade, naquele dia, uma entrada para o Booth Theatre, onde Henry Fonda e Anne Bancroft interpretavam a peça, mas desde cedo fiquei prêso ao meu triste quarto de hotel, na Broadway, não longe do velho teatro. Os vírus de uma gripe fortíssima, ajudados por uma nevada fora de tempo que me surpreendera pela madrugada na rua, me prostravam com febre.

A sempre eficiente e encantadora Dora Vasconcellos, de nosso Consulado em Nova Iorque, providenciara a reserva dos direitos para a Companhia Tônia-Celli-Autran, e me entregara um exemplar da peça que eu devia trazer para o Rio; e na véspera eu comprara um livro — "The Seesaw Log" — em que William Gibson contava quantas vezes e como tivera de reescrever a comédia.

Não consegui ler de uma só vez o primeiro ato; a febre me dava tonteiras, e eu adormecia de vez em quando por alguns minutos; mas, enquanto ia lendo, ia visualizando a peça como seria interpretada por Tônia Carrero e Paulo Autran. A certa altura do segundo ato voltei a dormir, e tive um pesadelo horrível: Tônia chorava a um canto do apartamento com medo de morrer, a esvair-se em sangue, e eu não tinha forças para erguer-me e socorrê-la. Despertei suado e febril e senti um grande alívio quando me convenci de que era tudo um pesadelo; acendi a luz, fumei um cigarro, vi um trecho de filme de "farwest" na televisão, mas quando voltei a dormir o pesadelo tornou a me afligir, nítido, pungente, insuportável.

A nossa querida e radiosa Tônia era um farrapo de mulher doente e fracassada que o miserável do Paulo Autran torturava da maneira mais vil.

Na verdade, a peça não é assim trágica; é apenas triste e alegre, como são as coisas da vida. Seu sucesso foi grande em Nova Iorque, Londres e Paris, onde Tônia, Paulo e Celli a puderam assistir em três interpretações diferentes.

Devo dizer que ela perde alguma coisa com a tradução, pois não há meio honesto de transpor a viva linguagem do Bronx em que se exprime Gittel Mosca, nem alguns diálogos de sabor local.

A tradução é, em primeiro lugar, e principalmente, de Tati Moraes, que fez o trabalho mais difícil; revimo-la juntos depois, mas ainda assim deixamos várias dúvidas que os atôres e o diretor resolveram, juntamente com Tati, por ocasião dos primeiros ensaios.

Aqui estão duas pessoas, um homem e uma mulher; e aqui está Nova Iorque, a "Cidade Vazia" de Fernando Sabino; no oceano da sua multidão de homens e edifícios, os dois pequenos apartamentos são como duas ilhas, cada uma com seu naufrago, em um monstruoso arquipélago de solidões. A história, ligeira e romântica, muito capaz de fazer rir e fazer chorar, não é a de dois seres que "nasceram um para o outro"; êsse romance vive dentro das arestas da realidade quotidiana, e é condicionado pela sua prosaica melancolia.

Com essa melancolia saireis do teatro; mas também com a íntima riqueza de haver vivido uma despreziosa mas autêntica obra de arte — trêmula de humanidade.